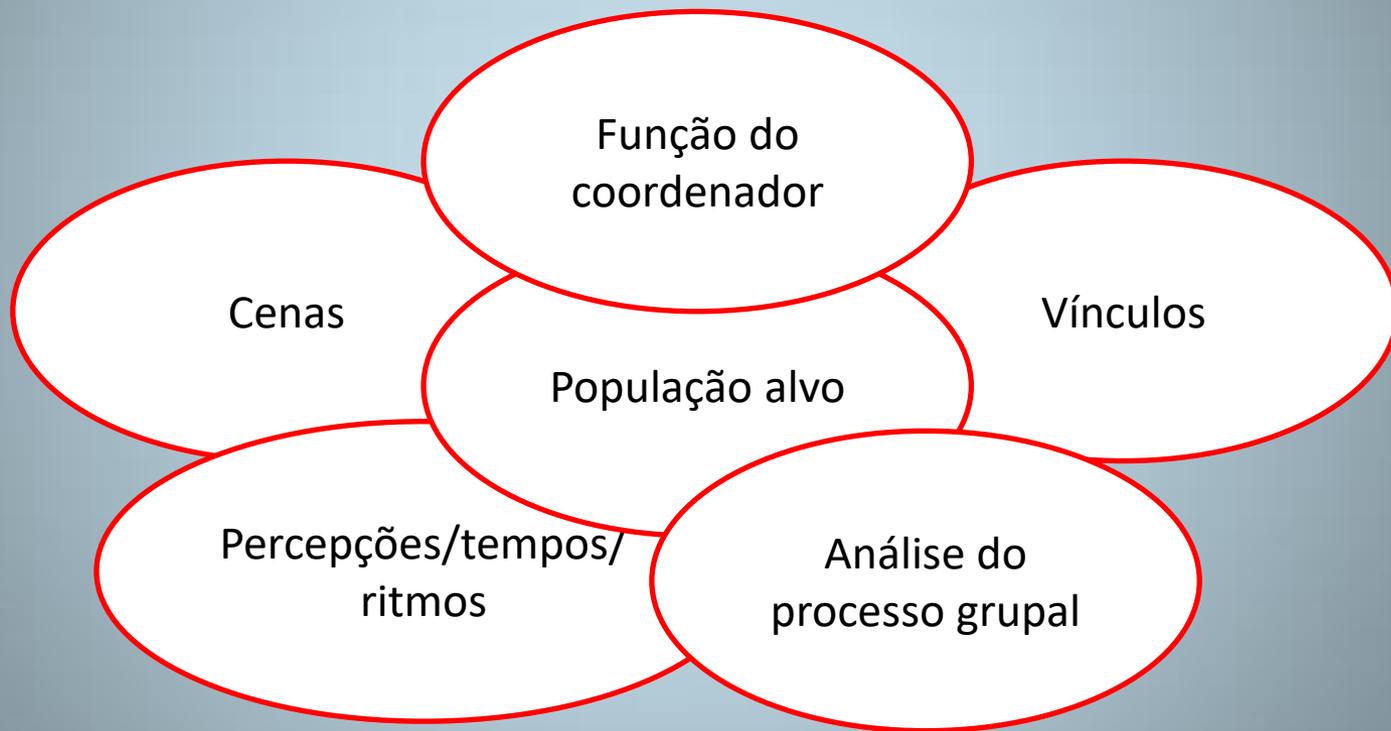


Aula 1 - Grupos como dispositivo nas ações de Terapia Ocupacional

Fernanda Stella Risetto Mieto

Participação em grupos na graduação?



A Terapia Ocupacional e os grupos

- valioso recurso e instrumental teórico-técnico (Balarin, 2007)
- análise do complexo processo decorrente da interação entre os membros do grupo a partir da realização de uma atividade (BRUNELLO , 2002)
- pluralidade de referenciais teóricos (Maximino, 2001)

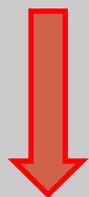
Adaptações no campo de grupos na Terapia Ocupacional

- I. Uso do conhecimento adquiridos a respeito do funcionamento dos grupos verbais nos grupos de atividades;
- II. Aplicação das descobertas feitas em grupos terapêuticos de neuróticos aos grupos de psicóticos, deficientes físicos, intelectuais.

Grupos na Terapia Ocupacional

PINEL afirmava que “o trabalho constante modifica a cadeia dos pensamentos mórbidos, e por si só mantém a ordem num **agrupamento** qualquer” (centralidade do trabalho na prática asilar) – perspectiva behaviorista

década de 30 – programas coletivos de atividades



Trabalho de
socialização de
doentes mentais

década de 50

Neurolépticos - “melhora da socialização” – diminuição do interesse dos profissionais pelo grupo

Inicia-se estudos sobre grupos.....

Fidler e Fidler, 1963

Piaget (esquemas adaptativos); Lewin (dinâmica dos grupos)

- Task-group: reforçar funções egóicas e o desenvolvimento de funções adaptativas.
- TO como líder do grupo e responsável pela atmosfera emocional
- Grupo tem potencial terapêutico: possibilita a expressão, facilita o **aprendizado** e as mudanças de comportamento

Mosey, 1973

- Unidade dinâmica: aprender a estar em grupo é o aprender a desempenhar papéis
- O terapeuta deve evitar ser o líder do grupo (líder é aquele que desempenha o maior número de papéis)
- O objetivo do grupo é desenvolver facetas do self
- Coesão e pertencência (circuito de comunicação)
- Grupo paralelo, grupo de projeto, egocêntrico-cooperativo, cooperativo e maduro

➤ Várias condutas empregadas no grupo de terapia ocupacional com suas perspectivas teóricas: modelos de grupo funcional, psicoeducacional, terapia de grupo diretiva

(Suchwartzberg , 2002)

Década de 70 e 80

Abordagens
psicodinâmicas,
mobilização e
expressão

Reabilitação,
socialização,
treinamentos, grupos
educativos

Por que grupos na Terapia Ocupacional?

Referencial teórico – diferentes características intrínsecas do grupo



Reprodução de ambientes – treinamento de papéis sociais



Disparadores – possibilidades de criação, produção, relação.

(Maximino, 2001)

Estudos sobre grupos no Brasil – abordagem psicodinâmica

- Grupos de atividades e atividade grupal (Benetton, 1991)
- Grupo não verbais com atividades consideradas mediadoras da relação terapeuta-paciente-grupo, ampliando a expressão e a experimentação de outras formas de comunicação (Ferrari, 1991)

Estudos sobre grupos no Brasil

- Grupos de atividades e atividade grupal (Benetton, 1991)
- Grupo de atividades: espaço potencial e caixa de ressonância (Maximino, 2001; Balarin, 2003)

“Considerando o processo vivenciado por um grupo na terapia ocupacional, o que se busca é a superação da serialidade e a reapropriação do sentido do fazer, da criatividade e da existência” (Balarin, 2007, p.41)

Um grupo de atividades em Terapia Ocupacional é definido como um espaço onde os pacientes se reúnem na presença do terapeuta ocupacional para vivenciar experiências relacionadas ao fazer como, por exemplo: pintar, passear, desenhar, modelar, dançar, fazer compras, costurar, entre outras. (Ballarin, 2003)

Por que
atividade?????

A atividade no grupo

Os fazeres compõe a existência - pelas atividades é possível garantir formas múltiplas de ação e expressão, transformar rotinas e ordens estabelecidas, novas processualidades e projetos de vida (Castro, Lima, Brunello, 2001)

Os participantes dos grupos têm a possibilidade de experienciar outras formas de se relacionar e de vivenciar situações inéditas relativas ao fazer, possibilitando que a ação ganhe um sentido e um significado” (Balarin, 2007)

A atividade no grupo

Espaço grupal potencializa o fazer junto (Samea, 2008)

atividade – potência de provocação; grupo – amplia a potência de provocação da atividade

O terapeuta facilita e compreende o acontecimento que surge com a **provocação** (Maximino, 2001)

Constituição dos grupos

- TO: responsável pela sua constituição, avaliação do número de participantes, escolha de critérios de seleção, estabelecimento do contrato terapêutico, preparação dos materiais e do ambiente (Ballarin, 2003)
- Número deve assegurar que: todos possam manter contato entre si; a coesão possa ser alcançada, número suficiente para interação, fluxo livre de ideias e que os projetos de grupo possam ser realizados (Liebmann, 2000)

Estrutura dos grupos

Grupos homogêneos, intermediários e heterogêneos (Ballarin, 2003)

Aberto ou fechado

Setting terapêutico

- Espaço físico e o terapeuta como constituinte do espaço terapêutico;
- Engloba o **contrato (combinados, acordos)** estabelecido com o coordenador e o grupo: horário, local, frequência, sigilo, aviso de faltas, pausas, regras sociais comuns, organização do espaço e materiais, noção do objetivo de estar em grupo

Função do setting

A função mais nobre do **setting terapêutico** consiste na criação de um novo espaço no qual os pacientes têm a oportunidade de reexperimentar antigas e novas vivências grupais. O grupo propicia ressignificar a estereotipia dos papéis e dos lugares ocupados por eles

(Zimmerman, 2000, 2004)

falas....

“Eu sinto mudança em mim. Porque quando eu cheguei aqui no grupo eu estava péssima. Hoje eu me enxergo. Eu fiquei no espelho me olhando. Aí que eu comecei a me achar melhor. Meu deus, quanto tempo eu não me olhava no espelho!”

falas....

“Quando você começa a contar sua história, cada um tá se identificando . Você conta sua história e eu tô vendo na minha, a Ana tá vendo na dela, a Maria tá vendo na dela...”

“A tendência é quando acaba o grupo a gente não ser a mesma pessoa de quando chegamos. O que eu aprendi no grupo foi olhar mais pra mim, ter mais tempo, me cuidar. Não ser apenas mãe do Luiz. Aqui é o momento que eu consigo parar, me olhar”

falas....

“Adoro chegar aqui e fazer coisas....descubro tanta coisa nova...tenho ajuda, elogio, às vezes discutimos...mas normal, né? um quer fazer uma coisa, outro quer fazer outra, um quer aquela cor, daquele jeito e o outro não aceita...”

“Antes de estar nesse grupo, não tinha vontade de passear...conhecer lugares novos, tudo me dava medo....Aqui vi o quanto posso ir a biblioteca, ao teatro...tem tanta coisa bonita na vida”

Função do TO

- Apresentar os acordos, retomar acordos, planejar, garantir a sustentação dos acordos e um ambiente acolhedor e seguro
- Função de facilitação e de compreensão dos acontecimentos que surgem (Maximino, 2001)
- *“dirigir suas intervenções no sentido de facilitar que os participantes possam experimentar outras formas de se relacionar e de vivenciar situações inéditas que estão associadas ao próprio ato de fazer, possibilitando que ação ganhe um sentido e um sentimento”* (Balarin, 2003)
- Promover a participação, proporcionar a coesão grupal
- Manejo dos fenômenos transferenciais

Algumas reflexões...

Parte-se da ideia de processo e da construção coletiva do projeto, *não se pode pensar em um "treinamento" de grupo, no sentido de aplicação de uma série de exercícios que possam ajudar as pessoas a atingir um "ideal de grupo" pertencente ou criado pelo "profissional treinador"*

As chamadas "dinâmicas de grupo" nada mais são do que técnicas de submissão do grupo ao profissional e à instituição/organização.

Processos grupais

1. Analisar o contexto institucional (serviço, demanda, disponibilidade de espaço, materiais, profissionais)
2. Conhecer a história de cada membro do grupo
3. Analisar as experiências de encontro, as relações de poder , os afetos, fazeres...

Referências bibliográficas

Anzieu, D. O grupo e o inconsciente (o imaginário grupal). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990.

BALLARIN, M. L. G. S. Algumas reflexões sobre grupos de atividades em terapia ocupacional. In: PADUA, E. M. M.; MAGALHÃES, L. V. Terapia ocupacional: teoria e prática. Campinas: Papyrus, 2003. p. 63-76.

BALLARIN, M. L. G. Abordagens grupais. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. Terapia Ocupacional fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

FERRARI, S. M. L. & AGUIRRE, B. Aspectos do funcionamento da clínica de grupos e sua especificidade na Terapia Ocupacional. São Paulo, Boletim de Psiquiatria, v. 22/25, 1990.

MAXIMINO, V. A organização psicótica e a constituição do grupo de atividades – ou por que usar grupos como recurso terapêutico nas psicoses. São Paulo: Revista de Terapia Ocupacional da USP, v. 9/2, 1998.

MAXIMINO, V. Histórico do uso de grupos na Terapia Ocupacional. Grupo de atividades com pacientes psicóticos. São José dos Campos: UNIVAP, 2001, p.23-74.

MAXIMINO, V. A & LIBERMAN, F. Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus, 2015.

SAMEA, M. O dispositivo grupal como intervenção. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 85-90, 2008.

ZIMERMAN, D.E. 2000. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre, Artmed, 244 p.
ZIMERMAN, D.E. 2004. Manual de técnica psicanalítica: uma revisão. Porto Alegre, Artmed, 471